

3
CULTURAIS

Lembram-se desta demolição?

memória cultural não é só recordar, é também resistir



Os estereos do antigo teatro municipal, nas fotos de V-8

Roberto Goto

Na semana passada, o secretário da Cultura do Estado, pianista João Carlos Martins, anunciou estudos do Condephaat visando ao tombamento de 31 mansões históricas que ainda persistem na av. Paulista, em São Paulo, resguardando seu espaço contra o avanço dos modernos e orgulhosos edifícios que caracterizam um dos maiores centros financeiros do mundo. Alertados pelo anúncio, alguns proprietários não perderam tempo: começaram a demolir. Como resultado, no início desta semana, a av. Paulista perdeu mais quatro de seus casarões, construídos entre 1910 e 1950, alguns pelos chamados "barões do café".

Numa pista em que a especulação imobiliária corre ao lado da financeira, projetando à escala do milhão de cruzeiros o preço do metro quadrado de terreno, era de se esperar outra atitude dos zelosos donos das mansões? Numa mesa-redonda sobre "Memória Cultural", oportunamente realizada pelo Sesc de Campinas na chuvosa noite de terça-feira, o arquiteto Fábio Magalhães foi direto ao assunto: "é difícil preservar, porque os interesses econômicos quase nunca coincidem com os interesses da memória cultural; é uma luta constante da comunidade contra interesses pessoais e os equívocos do Estado".

No caso das mansões da Paulista, o arquiteto pensa haver mais do que um equívoco. "Foi uma demagogia". E sugeriu que, em vez de colocar "um funcionário na frente de cada casa" para impedir futuras demolições, o Estado "deveria colocar um policial na frente de cada burocrata" para evitar outras ingenuidades. Lembrando a destruição de um casarão de azulejos em Rio Claro, Magalhães notou que "a maioria das demolições é feita a portas fechadas; começa-se a demolir por dentro e quando a população se dá conta, é muito tarde...".

Agindo às escondidas, o demolidor denuncia a si mesmo. "Está consciente do crime cultural que pratica". Crime para o qual o arquiteto não prescreveu o castigo, posto que "não acredito em legislações". O único remédio para garantir a preservação dos bens culturais é, em sua opinião, "a ação da sociedade civil". Um exemplo? O prédio da escola

Caetano de Campos, na capital, que condenado inapelavelmente pelos técnicos do metrô, permanece em pé ainda hoje, ao lado da Praça da República, graças à mobilização da comunidade. "Abrimos um processo popular e ganhamos a causa, impedindo a demolição".

Outro exemplo, este negativo: "se tivesse havido uma ação efetiva da sociedade, o Ruy Novaes não teria demolido o Teatro Municipal de Campinas".

"Triste recordação"

A menção do arquiteto abriu uma das grandes cicatrizes que marcam a história cultural da cidade, lembrando que temos por aqui mesmo um episódio semelhante ao que vem acontecendo na av. Paulista. Para resgatar a memória do fato, o Sesc expõe em seu saguão posters do fotógrafo Aristides da Silva, mais conhecido por V-8, que registra como "triste recordação" as várias fases de mais um "crime cultural" — cometido, no caso, pelo próprio poder público. Ou melhor seria dizer desmemória? Quem se lembra das marchas e contramarchas que comandaram a destruição do teatro que, há 17 anos, ainda ocupava o amplo terreno que se estende atrás da Catedral, hoje tomado por uma loja de roupas?

Foi necessário que uma das pessoas do auditório, a jornalista Jane Costa, intervisse no debate para que seus participantes se recordassem de que "a imprensa e a comunidade de Campinas se manifestaram contra a demolição, mas assim mesmo o teatro foi demolido". A isto pode-se acrescentar (para complicar) o fato de que o prefeito Ruy Novaes, movido por interesses e vontades ainda hoje pouco ou nada conhecidos, conseguiu conduzir habilmente suas intenções reavivando a memória do desabamento do cine "Rinque", ocorrido em 1951. Acenando com o temor de uma nova tragédia, exagerando as rachaduras do prédio, Novaes conseguiu passar o trator por cima das resistências e oposições e o teatro acabou indo ao chão no final de 1965.

Enfim: a "ação da sociedade civil" é suficiente para impedir estes e outros "crimes culturais"? A questão da preservação é tão simples assim? No momento de dar concretude às suas posições, o arquiteto escorre-



Paulo S. de Oliveira

gou, saindo-se com a afirmação de que "a ação de preservação não está só no tombamento e propondo que não se confunda patrimônio cultural apenas com casas e casarões. O filósofo Antonio Joaquim Severino, outro dos debatedores, viu-se obrigado a admitir que "a pergunta não foi bem respondida"... e a devolveu "em outros termos", à jornalista.

"Únicos meios"

Severino, professor e vice-reitor da Puc de São Paulo, reconheceu que "vivemos num capitalismo selvagem e desvairado que mercantilizou todas as expressões culturais". E argumentou: "como não podemos passar uma borracha em cima desse dado histórico, o que vamos fazer? Cruzar os braços e esperar que um ser extraterreno venha salvar nossa cultura"? Em sua opinião, as "pequenas lutas" travadas pela comunidade em defesa dos seus bens culturais "são os únicos meios de que dispomos para enfrentar esse gigante" capitalista-selvagem.

"Só vejo essa saída: a organização, a conscientização, a manifestação". Para o filósofo, "a dificuldade está em fazer a comunidade compreender o valor de sua cultura". A importância desta compreensão, segundo ele, está diretamente ligada à "identidade" do brasileiro. "Recuperaremos a nossa autenticidade quando conhecermos nosso modo de vida. Hoje estamos atrás de um modelo de vidro fumê e brinquedo de plástico porque nos recusamos a assumir nossa identidade cultural".

Sem definir seus conceitos (afinal, o que se quer dizer quando se fala em "identidade" e "autenticidade" de um País ou comunidade?), o filósofo consentiu em descer a considerações mais específicas ao apelar para que o prédio central da Puc de Campinas, também construído e habitado por um dos "barões do café", "não vire supermercado".

E cultura, o que é?

As indefinições, na verdade, não foram privilégio do professor. Atravessaram (ou rondaram) praticamente toda a mesa-redonda, acabando por comprometer um dos pólos-chaves da temática central: o termo "cultural". Em outros palavras, de que cultura se trata? E que cultura se quer preservar? Esta questão foi lançada pela professora Regina Márcia Moura Tavares, diretora do Instituto de Comunicações da Puc local, que



Antonio Severino

apontou para o processo de internacionalização experimentado pelas sociedades em setores econômicos e culturais.

Como que num estalo, Fábio Magalhães observou que "essa cultura que está aí não é a nossa, não nos reconhecemos nela; é uma cultura de manipulação... e se manipula para dominar". Acrescentou que o veículo por excelência dessa cultura é a televisão, que em si "não é boa nem má", detendo porém um grande "poder manipulador". Para impedir que a cultura seja utilizada como instrumento de dominação segundo o arquiteto, "é preciso revalorizar as manifestações culturais que partem do povo e tirar da TV o seu poder manipulador".

Também procurando precisar suas posições, Antonio Severino explicou que "quando falamos de identidade cultural, isto não significa isolacionismo". E arrematou, problematizando: "o problema é que não fizemos a síntese entre a identidade e a manipulação; o problema é saber aonde nos queremos levar com ela".

Museus da cidade ou na cidade?

Para compensar tais colocações, importantes mas imprecisas (em que não entram categorias como as de classes sociais e ideologia), a mesa-redonda proporcionou ao pequeno público de terça-feira as propostas mais concretas do sociólogo Paulo de Salles Oliveira e do historiógrafo Jonas Soares de Souza, além dos informes meio reivindicatórios, meio propagandísticos de Olavo Volpato, prefeito de Itu.

Paulo de Oliveira lançou na mesma noite seu livro "Brinquedos Artesanais & Expressividade Cultural", editado pelo próprio Sesc. A obra mostra que, resistindo ao rolo compressor da chamada indústria cultural (que o autor não vê como "um mal em si mesmo"), ainda existem várias frentes (ou retaguardas) de produção artesanal no Brasil — com o importante detalhe de se tratarem de artesões amadores, portanto não pressionados por necessidades materiais.

O sociólogo aproveitou a ocasião também para solapar a "falsa oposição entre as atividades manuais, consideradas inferiores, e as intelectuais, consideradas superiores e nobres". Contra essa visão elitista do trabalho, Paulo Oliveira observa que "toda atividade manual é um fazer intelectual", lembrando que "em alguma medida todos somos intelectuais, embora nem sempre exerçamos uma função tipicamente intelectual". O sociólogo compara "o trabalho de um artesão ao de um escritor ao burilar sua frase".

Artesanato amador

Já o historiógrafo Jonas Soares defendeu a integração dos museus na vida social e cultural das cidades. Disse que, para que isso aconteça, é preciso que "o museu deixe de ser um banco de objetos para se transformar em universidade do povo". E lembrou que, na maioria dos casos "o museu está fisicamente na cidade, mas sem participar de sua vida cultural", citando o Museu Republicano, de Itu.

O prefeito Olavo Volpato justificou o fato sustentando que "embora os ituanos se orgulhem do seu patrimônio cultural, não participam das atividades". Lamentou que "a tomada de posições concretas" seja "inibida pela falta de recursos", acrescentando que a migração de pessoas de outras cidades a Itu "enfraquece a sensibilidade" da população ituana para a preservação dos bens culturais. Logicamente, disse que apóia "a tese do secretário João Carlos Martins no sentido de reservar uma parcela do Imposto de Renda para preservar patrimônios culturais".



Fábio Magalhães

Maldito Baudelaire

Luiz Carlos R. Borges

No dia 25 de junho de 1857 era posta à venda, pelo editor e amigo do poeta, Poulet-Malassis, a primeira edição de "Les Fleurs du Mal", de Charles Baudelaire, o patriarca de linhagem dos poetas malditos do simbolismo francês.

Baudelaire tinha então 36 anos e seu livro estava destinado a ter uma recepção áspera e hostil. "Nada pode justificar a um homem de mais de trinta anos, depois de haver dado à publicidade um livro cheio de semelhantes monstruosidades", concluiu a crítica de "Le Figaro".

Mais do que a mera indignação da crítica, certamente afeita aos padrões mais amenos e toleráveis do romantismo, as Flores do Mal ainda viriam a sofrer uma condenação concreta, imposta pela justiça francesa. Por "ofensas à moral pública e aos bons costumes", Baudelaire e seus editores seriam condenados a penas de multa e, expiação maior, ordenou-se a supressão de seis poemas, porque continham "expressões obscenas ou imorais" - os mais amaldiçoados dentre os poemas malditos de Baudelaire.

A reabilitação só viria quase um século depois, em 1949, através de uma revisão judicial do processo, reconhecendo-se então a ausência, nos poemas, de qualquer propósito obsceno ou grosseiro e proclamando, em suma, que a apreciação inicial da obra, determinante de sua condenação, "revelou-se arbitrária, pois não foi ratificada nem pela opinião pública nem pelo juízo dos homens de letras".

E, todavia, aquela condenação deveria ter sido mais ampla, se prevalecesse a opinião dos censores mais severos e vigilantes, contemporâneos de Baudelaire - e cuja função, afinal de contas, consiste em primordialmente suspeitar, suspeitar sempre, por princípio e por via das dúvidas. Deveria, por exemplo, ter alcançado obras como "Lola de Valence", pela expressão "jóia negra e rosa", onde se pretendeu vislumbrar conotações obscenas: afinal, esse poema fora composto para servir de inscrição a um quadro de Manet, outro notório fautor de escândalo:

"Entre tant de beautés que partout on peut voir, Je comprends bien, amis, que le désir balance; Mais on voit scintiller en Lola de Valence Le charme inattendu d'un bijou rose et noir".

Que poderia ser assim traduzido: Entre tantas belezas quantas ver-se possa, é de se compreender se o desejo vacila; mas vê-se em Lola de Valence o, que cintila, charme imprevisto de uma jóia negra e rosa.

Talvez a doce ambiguidade do biju negríssimo fosse somente o reflexo de outra ambiguidade, mas já amarga, que marcou a existência do poeta.

Que manteve com a atriz Jeanne Duval uma relação amorosa entremeadada de conflitos e de subversão - e no livro de Baudelaire é freqüente a noção do amor como tirânico e vampíresco, a fazer, diz ele, de "meu espírito humilhado teu leito e teu domínio" ("Le Vampire") - ao mesmo tempo em que aspirava a ser "sublime sem interrupção".

Embora aparentemente lhe causassem aversão as idéias democráticas e "a multidão vil dos mortais" ("Recueillement"), entusiasmou-se com a revolução de junho de 1848, tendo-se agitado para "correr ao martírio".

No decorrer dessa mesma revolução ainda extravasaria seu ressentimento contra a mãe e o padrasto, o general Aupick: "Fuzilemos o general Aupick" teria ele gritado, armado de fuzil e cartucheira.

E despertar-lhe-ia, finalmente, desconfiança e medo a incômoda admiração dos poetas mais jovens, como Mallarmé, que o considera o Príncipe dos Mistérios, e Verlaine, que destaca em sua obra menos o horrível e o macabro, e sim a sua construção consciente e voluntária, em cuja arquitetura nada seria efeito do acaso.

Mas não há dúvida de que, ao lado desse rigor de construção, a obra de Baudelaire correu para resgatar para os horizontes da poesia temas proibidos pelos rígidos padrões morais de sua época, para libertar determinadas palavras, proscritas pelos códigos de linguagem aceitos e estabelecidos.

Proclama, com efeito, em seus poemas a liberação dos sentidos, declarando que sua alma só se expande perante a voluptua; louvando a dança, o repouso e o fascínio da amada nua, só vestida de jóias ruidosas e cintilantes - e o poeta ama com fúria as coisas onde o som se mescla à luz, onde a sonoridade se mistura à luminosidade, ou, enfim, evitada a intermediação quase sempre empobrecedora da tradução: "...et j'aime à la fureur les choses ou le son se mêle à la lumière" ("Les bijoux").

Embora ciente da danação, social ou teológica, ele se identifica com as mulheres danadas e a "áspera esterilidade de seu prazer": "vós que em vosso inferno minha alma perseguiu, pobres irmãs, eu vos amo tanto quanto de vós me compadeço" ("Femmes Damnées").

Assim evoca Lesbos, a filha mítica de Safo, avó dos poetas malditos, que teve seus versos queimados em praça pública: "o que nos valem as leis do justo e do injusto? / virgens de coração sublime, honra do arquipélago / vossa religião como uma outra é augusta / e o amor se rirá do inferno e do céu!" ("Lesbos").

Em suma, ao "poeta maldito, inimigo das famílias, favorito do inferno" ("Les deux bonnes soeurs"), a cujo coração cheio de coisas fúnebres apetece as estações das brumas e das chuvas: os fins de outono, os invernos, as primaveras úmidas de lodo ("Brumes et pluies"), é reservado o impulso de destruir o que é a sua negação, a sua antítese: o verde esplendor da natureza, a carne jovem de uma mulher. Em um belo poema, "A celle qui est trop gaie", Baudelaire identifica ambas, natureza e mulher, em um mesmo anseio de punição, por afrontarem sua alma, devotada ao torto e ao obscuro. Desse poema é a tradução que ora se apresenta. De notar a sua estrutura, cujos versos iniciais sugerem uma típica concepção romântica da mulher e da natureza, mas cujo desenvolvimento logo se encaminha para outro sentido, rumo a um desfecho pleno de erotismo e perversão, caracteristicamente baudelaireano:

"Teu rosto, teu gesto preclaro são belos como uma paisagem; o riso brinca em tua imagem qual fresca brisa no céu claro. O passante detém os passos se o roças com leviandade, deslumbrado ante a claridade de teus ombros e de teus braços. Pois as resplandecentes cores que com tuas vestes suscitadas despertam na alma dos artistas a imagem de um balé de flores. Loucos trajados são o estandarte de tua alma, rutilo ornato; louca, que me pões, insensato, a amar tanto como odiar-te. Certa vez, num jardim perfeito, indo a arrastar minha apatia, vim a sentir, com ironia, o sol dilacerar meu peito. A primavera em esplendor tanto humilhou minha tristeza que a insolência da natureza eu castiguei sobre uma flor. Assim, na noite, sem alarde, hora de volúpias e agouros, para os teus íntimos tesouros vou me arrastar como um covarde. E punir-te à carne radiosa, maltratar teu seio vencido, abrir em teu flanco aturdido uma ferida dolorosa; e, doce vertigem malsã, através estes lábios úmidos, mais estuantes e mais tímidos, injetar meu veneno, irmã!"

Luiz Carlos Ribeiro Borges é Juiz de Direito e poeta.



palco

Edgar Rizzo

A imitação como arte

O mímico francês Marceal definiu sua arte como expressão de sentimentos por meio de atitudes, e não um meio de traduzir palavras através de gestos. Esse ponto de vista, entretanto, não coincide com o sentido original da palavra, dada pelos gregos e depois pelos romanos. Na antiguidade, dois tipos de espetáculo praticaram a imitação (*mimesis*): o *mimo* e a *pantomima*.

Com a palavra *mimo* designava-se tanto o ator quanto o próprio espetáculo cênico. Um ou vários atores (*mimos*) representavam uma cena fundamentalmente expressa em movimentos corporais e faciais, de caráter cômico e quase sempre obscuro, não dispensando completamente a expressão verbal.

A origem do *mimo* é retomada e controversa. Alguns estudiosos sustentam que tenha nascido na Etrúria e a partir de lá se irradiado para o sul da Itália, onde floresceu; depois passou para a Grécia.

O certo é que em Siracusa, no começo do quinto século antes de Cristo, em forma de espetáculo recebeu um texto escrito, com Epicarmo e Sófron apresentando temas mitológicos em forma caricatural. Poucos fragmentos sobreviveram de *mimo* com texto, mas pode-se afirmar que seus temas prediletos eram o adultério e a mitologia.

A *pantomima*, por uma representação teatral, história narrada exclusivamente da dança, exprimitos e idéias através de gestos e atitudes. Este gênero, também, evoluiu, e definiu-se mais tarde com Pilace de Cilícia e Xandria, que o liberou associando-o apenas à dança.

A figura central da *pantomima* era o dançarino mascarado, com posturas e passos, repletos dos caracteres de ator dependia apenas da expressão corporal, uma vez que não podia falar.

A exemplo dos gregos, os romanos apresentavam

video

Os ídolos

A imagem da televisão. Refiro-me à colorida e exige toda atenção. As pessoas sem o senso crítico da realidade não percebem a realidade notam na televisão: tocável. Só perceptível possui em casa. Do vídeo, um mundo encerrado no teleespectador. Acessível. Talvez isso explique a tria; não aquela sagrada imagem adoradores de aquela que coloca o ídolo ao mesmo tempo próximo dos ídolos da TV. Conto o comportamento e os ídolos.

Ao mesmo tempo que os ídolos dentro das casas e dos apresentadores, ruidosos, artistas etc., o ídolo impressionado com quem entram em sua casa. sem imperfeições faciais. Enfim, belos, poéticos. Aquele aprendizado de deus e perfeito é vivido na televisão. Surge então a paixão-óculo ídolo.

Eis que o ídolo exige momentos na tela. Mas as ilusões dão lugar a latidos norte-americanos. De um programa com recursos nacionais totalmente diferente, o ídolo, aparência dos ídolos radicalmente. Como porta o telespectador? rece estudos.

No dia seguinte, no aquele ídolo aguarda com ansiedade. Volta a família se esquece. O ídolo que.

Nesse momento de de si mesmo, cabe a também manipulada por merciais e ideológico acredita ser "bom" no. Este, como um saco de cebas tudo pois sua pa defensiva permite quem em sua consciência... Ainda mais quando é possível programas de passatempos bem acaba leva em conta a capacidade de imitação questionável. A televisão pode ser

Gonzaguinha, agora mais acessível com seu novo disco "Caminhos do Coração"

som

Antonio R. Fava

Ainda a voz engasgada

Luiz Gonzaga Júnior, ou simplesmente Gonzaguinha, está na praça com um novo disco - "Caminhos do Coração". Desta vez - já era tempo - o compositor vem com um trabalho mais acessível a todos, e não apenas àqueles com ouvidos viciados nas "canções-tensão".

Gonzaguinha ainda não conseguiu libertar-se de uma velha herança, que o acompanha desde o início de sua carreira e que parece incomodá-lo: o timbre de voz engasgada. Mais acentuado nas músicas depressivas.

Fora isso, o disco é bom, muito bem cuidado, artisticamente. Os arranjos, orquestrações e regência do maestro Jota Moraes, são perfeitos. Assumem um caráter de extremo nível de qualidade com músicos de alto gabarito, de produção luxuosa.

Em "Caminhos do Coração", Gonzaguinha deixou de lado qualquer conceito filosófico para assegurar as faixas em torno de uma idéia; trocou o hermetismo pela versatilidade e mostra, com certa categoria, um inédito gosto por canções mais leves e divertidas.

Exemplo disso é a música "O Que é, o Que é" faixa que abre o álbum, o melhor samba que fez até hoje, de tradição carioca e com uma letra de muita empolgação. Com uma letra leve e ingênua, é quase um samba-enredo, com um solo de surdo, na introdução, e logo em seguida, uma possante bateria, metais e cordas. Interessante e inteligente, embora simples, a letra consegue sair do lugar comum, quando Gonzaguinha usa uma linguagem figurada.

"...é a vida?/ e a vida/ o que é dita lá, meu ir-

CULTURA

dito e feito — Fernando Sabino —

Levando bananas à Holanda

O apartamento em que nos hospedamos fica num prédio antigo, em frente a um canal por onde passam barcos de teto de vidro cheios de turistas. Deve ser um prédio histórico, pois o guia aponta e todos olham para a janela onde estou, no terceiro andar. Acho que acabei virando atração turística em Amsterdã.

Não, foi brincadeira subir até aqui. O lugar é surpreendentemente amplo e confortável, mas não tem elevador e são três lances de escada apertada como a da torre de uma igreja. Não sei que idéia foi essa minha de subir carregando as duas malas. Só a maior pesa 32 quilos. Consegui chegar Deus sabe como, botando a alma pela boca. Pensei até que ia ter um troço: deixe-me cair na cama, bufando como uma locomotiva, levei algum tempo para recuperar o fôlego. E estou com o corpo doendo até agora. Que haveria de fazer? As malas tinham de vir até aqui em cima, não havia carregador para trazê-las. Se soubesse a proeza que isso significava, teria pedido ajuda ao motorista do táxi que nos trouxe do aeroporto, um loteação holandês com jeito de quem não faz outra coisa senão subir três andares carregando malas. Pagar-lhe-ia de bom grado o dobro da corrida.

Só mais tarde me ocorreu o óbvio, ou seja: poderia ter aberto as malas lá em baixo e subir quantas vezes fosse preciso, mas carregando apenas um pouco de seu conteúdo de cada vez, em lugar de carregar tudo de uma só vez, como um burro-sem-rabo. E depois ainda há quem me considere um intelectual.

Verifico, consternado, que Ipanema não é o único lugar afetado por essa verdadeira calamidade pública que infesta as suas calçadas. Jamais imaginei que numa cidade civilizada como Amsterdã, tivéssemos também de evitar cuidadosamente o que os cachorros vão deixando pelo caminho. Se não andarmos olhando para o chão, de repente é aquela desgraça: uma pisada no maciço, uma escorregada - não há palavra capaz de neutralizar o cheiro desagradável que se segue.

Observo judiciosamente para a minha mulher que o holandês não é inglês. Ela acha a observação tão sutil que me sugere anotá-la na caderneta. Me explico: estamos mal acostumados; aqui não tem nada de muitos plises, sorres e sanquis, tudo se faz meio na raça. Já é não pouco que entendam nosso inglês (quando entendem): é ir chegando e dizendo a que viemos, porque se fomos esperar que nos atendam cheios de rapapés, quando chegar a nossa vez, como na Inglaterra, ficaremos esperando até o final dos tempos.

Hoje de manhã, para fugir do frio que está fazendo, acabamos nos refugiando num bar.